



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO
SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo «Aurora Social»

EDITOR—Maclel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 305 (50 reis); Semestre 530 (300 reis); Um ano 860 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.
Numero avulso 301 (10 reis)
Comp. e Imp. na Typographia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefones, 737

ABAIXO A GUERRA!

A propósito do conflito austro-servio, há quem afirme que a victoria caberá aos austríacos, pelas suas forças numericamente superiores, e que, por consequencia, a Servia ficará esmagada. Se eu tivesse cotação nos grandes centros da cavaqueira politica diria, com toda a minha franqueza, que os verdadeiros derrotados são os trabalhadores dos dois paizes em litigio. Só os industriais, os ministros, os comerciantes em grande escala, os banqueiros adestrados habilmente nas operações da bolsa, os fornecedores do exercito é que colhem os louros da gloria. Podem os privilegiados da Austria, por intermedio das armas metidas nas mãos dos filhos do povo, que vão vertir o seu sangue em beneficio dos outros, dominar os potentados servios. Porém, eles não se morderão muito. Uma vez acabada a guerra, eles procurarão chegar a um accordo, com mais ou menos vantagens, com mais ou menos influencia directa sobre os mercados actualmente um pouco inclinados para os paizes slavos, e tudo terminará. Feitas as contas, com as provas dos nove e real, dão este resultado infalível: miseria triplicada para o povo austriaco e servio, quer aquele atravesse as ruas, num delirio louco, [a festejar a victoria dos banqueiros e sua quadrilha, quer este chore a perda da sua independencia ou dominio sob uma determinada região.

Quem paga depois as pesadas indemnisações de guerra, não são os ricos, os milionarios, —é o povo. A quem se vai arrancar o precioso, e mais do que o precioso, para fazer face ás despesas da mobilisação de tropas, do material gasto em incendiar aldeias, cidades, provincias, em ceifar vidas, não é aos ricos, aos milionarios é ao trabalhador, depois de terem perdido na guerra, sob uma tempestade de fogo, no campo da morte, da ferocidade, do luto, os seus entes mais queridos —os seus filhos, os seus irmãos, os seus amigos, os seus esposos, os seus namorados. Um vasto oceano de lagrimas, para satisfazer ambições! Montanhas e montanhas de cadáveres para a burguesia austriaca ter caminho amplo nos centros balcans, que beneficiará igualmente a triplíce aliança em detrimento da triplíce entente, caso esta consista no completo esmagamento dos servios, o que não parece, e não tenha de arrastar as suas poderosas esquadras, que representam mil sacrificios do povo, até ao teatro tragico da conflagração europeia!

E é para isto que as multidões bêbedas de sangue, malucas de ódio, coisas adquiridos numa educação falsa e guerreira, dão vivas á guerra, isto é, vivas ao seu extermínio! Que tristeza! O povo dar vivas á sua miseria, ao esfacelamento dos seus, ao roubo dos outros, á tirania, ao luto, á fome! Que horrivel tristeza! E afinal, os privilegiados tem razão! Quando se encontram assim multidões estúpidas é que é animal-as. «Povo, dizem eles, aquele paiz quer roubar os nossos direitos; insultou-nos o brio patriótico», e lá vai a massa popular, a eterna besta, atropelando-se nas ruas, gesticulando trerivelmente, a dar gritos á guerra.

—«A' guerra! A' guerra!»
Mas está bem.

Enquanto os provocadores da desordem se conservam descaçados, juntos do telegrafo, para se informarem do movimento guerreiro, as tropas batem-se como

leões, como panteras, como tigres, esfacelando-se mutuamente. Afinal, a burguesia tem razão, e só deixará de ter razão quando o povo lh'a não der. Se em vez de, em coleras sangrentas, o povo aclamar a guerra apedrejasse os causadores dela, então poder-se-ia dizer que se caminhava alguma coisa para o regimenda paz. Se o trabalhador possuísse uma regular compreensão de toda esta patifaria, ele mostraria agora aos Carnegies e outros figurões que se dizem apologistas da paz e que têm perdido o seu tempo em conferencias inúteis, que o verdadeiro pacifista era ele, que não estava disposto a ferir os seus irmãos doutras terras, quando sofrem o mesmo despotismo economico e politico burguês, e que cruzava os braços. Que papelão!

Aos intuitos guerreiros dos governos, que procuram, na iminencia duma conflagração, abastecer-se de carvão e mobilisar as tropas, o trabalhador dos paizes provocadores devia corresponder com a cruzadela de braços, seguida duma acção energica! Não se extrai mais carvão, não haverá circulação de comboios, não se carregará nem descarregará nos portos maritimos! tudo fechado, tudo parado, tudo a demonstrar a revolta santa que germina nos espiritos livres! Ah! então as guerras não se faziam assim facilmente.

Mas esperemos. Havemos de um dia chegar a este desideratum. Eu tenho esperanças. A educação guerreira tem de contrapor uma outra educação mais sã. O operariado, embora muito morosamente, vai organizando-se. Os espiritos elucidam-se e daqui por mais alguns anos, se em antes uma coisa qualquer não terminar com a febre guerreira, uma forte corrente de trabalhadores, dispostos a lutar, gritará então:
—Abaixo a guerra!
Abaixo a guerra, sim.

Acima tinha dito que a victoria austriaca prejudicava a triplíce entente. Justamente por isso, segundo informações recebidas ao terminar estas considerações, escritas com profunda mágoa e revolta, é que a Inglaterra mobilisará as suas esquadras. A Russia, que sem ser por espirito humanitarista, procura defender os seus irmãos slavos, porque tem interesses ligados, também não se descure da situação e grita ás armas. A França, que igualmente quer alargar a sua esfera de acção, e que pertence á aliança entre a Russia e Inglaterra, não se fica atrás. A Alemanha, irrequieta como as outras, diz que se arma em consequencia da attitude das outras potencias, e, muito principalmente, o ver a sua aliada ameaçada. O imperador da Austria, numa proclamação, elogia o povo e diz ter confiança no exercito e na marinha e «no todo poderoso», que lhe dará a victoria.

E o povo, embasbacado ante aquelas frases sangrentas, que o envergonham e servem como de ornamento á sua miseria, á sua vida estúpida, aplaude-o, em vez de se manifestar contra a guerra, contraria aos tempos modernos e que o vêm ferir em cheio. Não vê o trabalhador que tudo isso são interesses dos agiotas, dos que o exploram, que se entrechoçam.

Ah! como isto ainda está muito atrazado! Nem em face da conflagração, que parece estar imminente, para saciação de odios antigos, o trabalhador abre os olhos e impe-

de o cataclismo, em que ele é o unico esmagado! Paciencia!

Pelo menos, que os horrores da conflagração, se tal se der, o façam recair em si. Que as epidemias motivadas pelos montões de cadáveres mutilados; que os campos devastados pela passagem dos exercitos; que as povoações e cidades iluminadas pelos reflexos do incendio; que os soluços lugubres das familias em luto; que o sólo ensofado em sangue e repisado pelas rodas de artilharia; que a desolação, a morte, a fome, a falta de trabalho, a ruina, o esfacelo, as lagrimas, as imprecações, o embate tragico das paixões que tudo isso faça reconsiderar o trabalhador na convivencia, no crime em que caiu e arranque do seu estado selvatico para um caminho de progresso, de consciencia, de harmonia. Pelo menos que os sobreviventes da enorme catastrophe, depois de verem as suas consequências, se juntem ás trações dos exercitos que escaparem e, num impeto de revolta, voltem as baionetas contra a burguesia criminosa, oprimadora, sanguinária e desfaçam os estados estabelecendo sobre as ruínas ainda fumegantes a sociedade livre, a concordia, o amor de uns para com os outros, o livre accordo, a federação livre das forças produtoras e consumidoras, numa palavra, o aniquilamento de tudo quanto represente exploração do homem pelo homem, da tirania enfim.

Então jamais será necessario discutir:
—Abaixo a guerra!

Clemente Vieira dos Santos

Aos grupos e aos camaradas

Sendo de urgente necessidade recolher todo o dinheiro subscrito para as despesas a fazer com os delegados que hão de ir ao congresso anarquista internacional, a Federação anarquista R. N. pede, tanto aos grupos como aos camaradas, a fineza de entregarem, por toda a semana que vem, na rua do Laranjal, 60-3., as respectivas quantias afim de se saber, ao certo, com quanto se pôde contar.

Igualmente solicita dos camaradas que ainda não contribuíram para esta subscricao, e o queiram fazer, a dirigirem-se á direcção acima referida, o que muito agradece.

As quantias, recebidas até á data, são as seguintes:

Federação A. R. N.	4800
Grupo Propaganda Libertaria	5800
» Filhos da Anarquia	2800
» da Comuna	1800
» Germinal	1800
João Alves	50
João C. de Figueiredo	850
Norberto T. de Carvalho	520
Guilherme M. Alves	850
D. S. Gomes, do grupo G. C. lutando pelo futuro	850
Alberto Alves Pinto	226
Manuel de Sá Couto	320
Manuel Luiz da Silva	810
Carmo	804
João d'Azevedo (Gaia)	20
Frank Farria (America)	550
Alfredo F. Gaspar (s)	850
Soma	17800

A propaganda anti-eleitoral

Comunicação lida por A. Quintanilha

na Conferência A. da R. do Sul

Lá fora discute-se muito se a propaganda contra a mentira parlamentar deve ser ou não feita durante o período eleitoral. E apesar das grandes divergências de opinião a este respeito, o que é facto é que, sobretudo em França, tanto nas veperadas de eleições como fora deste período, uma boa propaganda se tem feito.

Entre nós o assunto tem sido bastante discutido. Todos nos confessamos adversários da acção parlamentar, improficua, desmoralizadora, contrária ao desenvolvimento do espirito de iniciativa e fazemos a apologia da acção directa, isto é, da acção de todos e de cada um para a conquista duma comum aspiração.

Mas a verdade é que até hoje ainda se não fez qualquer campanha sistemática, metódicamente organizada com o fim exclusivo de mostrar aos trabalhadores o valor real dos parlamentos como arma de emancipação social.

E sem pretendermos, por agora, averiguar se a propaganda anti-eleitoral é mais eficaz nos períodos eleitorais ou fora d'elles, somos de opinião que deviamos aproveitar as proximas eleições gerais para fazermos uma larga propaganda do método de acção directa que defendemos. A occasião é, com effeito, favoravel como poucas. Se não vejamos.

Ainda há pouco largou o poder um governo que perseguiu, duma maneira feroz, tudo o que no paiz representava uma ideia de sã rebeldia contra as suas odiantes represálias. E enquanto as associações operárias eram encerradas e roubadas, enquanto os jornais libertários eram ilegalmente apreendidos e escriptos moleados, enquanto os nossos camaradas eram presos, espancados e até martirizados nas prisões, não se levantou em nenhuma das casas do parlamento uma tempestade forte de protesto que indicasse, claramente, ao governo lib-rticida de então a porta da rua. Todos os partidos políticos com representação nas camaras se tornaram, pois, solidários pelo seu mutismo com as infamias dessa época.

E não foi no parlamento que caiu o regimem do arbitrio, foi na rua. Não foram os representantes do povo que o atiraram a terra, foi o próprio povo, acindo directamente nas involdáveis noites de 26 de janeiro e de 4 de fevereiro.

Além destes exemplos mais recentes quantos outros nós poderíamos citar para demonstrar claramente a nocividade do parlamento e a efficacia da acção directa.

Não falando já das perseguições do tempo da monarchia, sufficientemente escalpeladas por uma opposição fortemente organizada, basta-nos relatar imparcialmente a attitude dos governantes republicanos para conosco.

Os exemplos não faltam. Todos aqueles que tem tido ou compartilhado o poder desde a implantação da Republica, tem demonstrado, bem cabalmente, quão mentirosas eram as suas promessas do tempo da propaganda.

Uns mandam fusilar nas ruas de Setubal trabalhadores inde-

fesos, cujo unico delicto era terem fome; outros acham imprudente a revogação da lei de 13 de fevereiro por poder ainda vir a ser necessária; estes pedem a penitenciária para os ferro-viarios em greve ou mandam invadir pela tropa as cozinhas comunistas organizadas, por trabalhadores, no pleno uso dos seus direitos; aqueles fecham e roubam associações de classe, põem uma mordaca na imprensa livre e prendem, e expulsam, e matam os que se não submetem ao regime do posso, quero e mando.

Entendemos que é preciso estarmos preparados para evitar a repetição de semelhantes perseguições, que estes e outros governantes reeditarão logo que nisso tenham interesse, se não não opusermos um protesto energico e decidido. Para conseguir preparar a opinião publica, afim de a levar a agir no sentido da resistencia á opressão, urge que se faça uma campanha larga e intensa, mas metódica e intelligente, de modo a não dar lugar a especulações de quem quer que seja.

Devemos aconselhar os trabalhadores a não votar, não só nas eleições governamentais mas ainda como afirmação da sua desconfiança absoluta no parlamento; aconselhar-lhes a associarem, poderosissima arma ofensiva e defensiva nas lutas economicas e sociais. E isto deve ser feito de modo a não deixar dúvidas no espirito de ninguém, quanto ás nossas intenções. Se combatemos com energia os politicos da Republica, que uma vez no poder tem cometido para conosco as maiores intamias, não é menos verdade, e é necessario affirmá-lo constantemente, que a ideia de monarchia anda no nosso espirito aliada á das mais cruéis perseguições e vilanias, e que, de modo algum, nos convem voltar a um regimem em que as atenções dos trabalhadores seriam novamente desviados das lutas economicas para o campo politico-eleitoral.

Devemos tornar cada vez mais conhecidas as nossas aspirações e procurar realisá-las sempre que se offereça o momento oportuno. Que nos sirva de exemplo o que ainda há dias se passou em Italia. Não tenhamos dúvidas sobre as intenções dos politicos para com o povo; na opposição todos eles, desde os mais conservadores aos mais avançados, fazem as mais rasgadas afirmações liberais; uma vez no poder transformam-se inevitavelmente pela própria natureza das suas funções, em instrumentos de conservação social, isto é, de tirania e de opressão.

Mas há ainda uma outra razão bastante poderosa para que façamos agora uma larga campanha anti-eleitoral. Sobral de Campos lembrou o caso Quartim, Jeronimo de Souza o caso dos camaradas da Moita, e nós poderíamos citar muitos outros atentados á justiça e á razão que clamorosamente reclamam a nossa intervenção, afim de impôrmos aos governantes uma imediata reparação dos crimes cometidos contra esses nossos camaradas. Pois bem; os principais argumentos de que nos vamos servir para a campanha